

A PARATOPIA CRIADORA DE JANE AUSTEN: UMA AUTORA FEMINISTA?

Chieregatti, Amanda A.¹(IC); Salgado, Luciana, S.²(O)

amandachieregatti@yahoo.com.br

¹Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos;

²Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos

Com base no quadro teórico da Análise do Discurso de tradição francesa, mobilizamos a noção de *paratopia criadora* proposta por Dominique Maingueneau, fazendo a hipótese de que há traços de discurso feminista na obra da escritora inglesa do século XIX Jane Austen. Deteremo-nos em três títulos da autora: “*Razão e Sensibilidade*”(1811)por ser sua primeira obra, “*Orgulho e Preconceito*”(1813) por ser, ainda hoje, a mais famosa, e “*Persuasão*”(1818), publicado postumamente. Tendo em vista o contexto social e histórico da Inglaterra do século XIX, que abrangeu a primeira onda do movimento feminista, procuramos apontar nesses textos traços que nos pareçam feministas e que, de alguma forma, representam uma crítica à sociedade, de modo a compreendermos o funcionamento dessa autoria: a autora é aclamada ainda hoje pela descrição que faz da sociedade rural inglesa, assim como pela força de sua narrativa e pela interação entre as personagens, destacando o que podemos chamar de “identidade feminina” ou “voz da mulher” por meio da criação de personalidades obstinadas, independentes e ousadas, que, contrariando a cultura em que estavam inseridas, não se deixavam pressionar pela estabilidade por meio de um bom casamento. Dessa forma, Austen acabou por ganhar a admiração de leitores e críticos desde a publicação de seu primeiro romance, dois séculos atrás.O presente trabalho pretende abordar, ainda, costumes e hábitos não-escriturísticos que afetam a produção autoral e explorar o seu funcionamento, levando em conta as relações entre as três instâncias constitutivas da paratopia criadora: *escritor*, *inscrito* e *pessoa*, em que se amalgamam elementos internos e externos, indissociáveis na obra literária.

FAPESP

